



#ELENÃO AO SUL: ENSAIO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE MULHERES NO SUL DO BRASIL.

Ana Maria Bercht¹
 Jorge Luiz Zaluski²
 Fernanda Lucas Santiago³

Este texto seguido de ensaio fotográfico busca trazer algumas reflexões sobre os atos realizados na região sul do Brasil, promovidos a partir da organização do grupo Mulheres unidas contra Bolsonaro (MUCB). Essas observações partem dos estudos de gênero dos campos da história, sociologia e psicologia, e da militância política contrária a perda de direitos.

Desde o pronunciamento de Jair Messias Bolsonaro, Partido Social Liberal (PSL) para a candidatura à Presidência da República, o então deputado federal do Rio de Janeiro e candidato ao poder executivo vêm recebendo muitas críticas e atos de repúdio a sua candidatura. Junto a vários grupos que repudiam Bolsonaro, o

Movimento Feminista, Movimento Negro e o Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgênero, Intersex, Queer (LGBTTIQ) intensificaram muitas ações contra o deputado por ele possuir um histórico de posicionamentos em público onde demonstra ser misógino, racista, xenofóbico, intolerante religioso, homofóbico, transfóbico, lesbofóbico, dentre outros discursos que incitam o ódio e a violência expressa em ideários fascistas. E, para além desses pronunciamentos, o plano de governo proposto para sua candidatura não visa atender a manutenção de direitos conquistados, como a demarcação de terras indígenas, por exemplo, ou então pautas ainda não alcançadas, como a descriminalização do aborto e punição da homofobia como crime.

Com a aproximação das eleições e diante do resultado das pesquisas de intenção de votos que aponta o candidato liderando todas as pesquisas como favorável no primeiro turno, no mês de setembro intensificaram-se ações contrárias ao candidato. Nas redes sociais, como forma de protesto evitou-se dar visibilidade ao nome do candidato, passando a ser referido como "coiso", o que permite reduzir também sua visibilidade nos campos de busca da internet. Em seguida o uso das *hashtags* #elenão #elenunca passou a ser usado como referência ao candidato, e em poucos dias contribuiu para acalorar as discussões e organizar grupos de manifestações nacionais e internacionais. Essa observação é importante para percebermos as características do Movimento Feminista no/do tempo presente, de modo a compreender como são organizadas as mobilizações, redes de contato e apoio, dentre outras formas de existir e resistirem ao longo do tempo.

Cláudio Luis de Camargo Penteado, Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, Rafael de Paula Aguiar Araújo apontam que com o desenvolvimento da internet, essa passou a ter profundo significado como espaço comunicativo e como meio para a ação social. Conforme os autores, as redes veem assumindo um significativo poder político que se expande ao período de campanha eleitoral. (CAMARGO; SANTOS; ARAÚJO)

No que corresponde ao Movimento Feminista, Larissa Viegas de Mello Freitas,

¹Mestra em Psicologia Social pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PPGPSI-PUCRS. E-mail: a.bercht@gmail.com

² Doutorando em História pelo programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina, PPGH-UDESC. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina, (FAPESC). E-mail: jorgezaluski@hotmail.com.

³ Mestranda em História pelo programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina, PPGH-UDESC, e-mail: flucasantiago@gmail.com.

informa que o uso da internet é uma das vias utilizadas para o fortalecimento do feminismo no século XXI. Ao investigar sobre o Movimento Feminista Negro e o uso da internet, Veigas aponta que os blogs são muito utilizados como forma de confrontar o machismo e racismo, por exemplo, mas que diante da pluralidade de suas pautas, assume um caráter interseccional tendo em vista o empoeiramento das mulheres livre de qualquer forma de exclusão, desigualdade e/ou violência. (VEIGAS, 2017)

Diante de um cenário já reconhecido sobre o uso da internet, redes sociais e os movimentos sociais, foi criado o grupo: “Mulheres unidas contra Bolsonaro” (MUCB), como forma de manifestar repúdio ao presidencialismo, e convocando marchas em diferentes cidades para acontecer no dia 29 de setembro de 2018. Em meio a diferentes tentativas de desmobilização, como o *hackeamento* do grupo por apoiadores do candidato, ou de agressões físicas, como as sofridas por Maria Tuca Santiago, integrante do grupo correspondente ao Rio de Janeiro, demonstram a atuação agressiva de parte dos que se opõem ao movimento #elenão.

A repercussão do grupo MUCB foi tamanha que em poucos dias reuniu mais de 3 milhões de mulheres. Um espaço onde puderam debater e organizar diferentes atos nacionais e internacionais, todos marcados para serem realizados no dia 29 de setembro. Em uma breve análise sobre essas mobilizações, no dia 20 de setembro, a historiadora Joana Maria Pedro, realizou uma fala na Conferência de abertura do III Encontro do GT Estudos de Gênero da ANPUH em Recife, relacionando o Movimento Feminista brasileiro de segunda onda e o do tempo presente. Segundo a pesquisadora, a particularidade do MUCB consiste em maior integração de diferentes pautas onde mulheres brancas, negras, indígenas, trans, jovens, idosas, dentre outras marcações sociais, lutam juntas no combate em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em relação às mulheres negras, por exemplo, desde o *Impeachment* da ex presidenta Dilma Rousseff, foi fechado o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (MMIRDH) até então chefiado pela pedagoga negra Nilma Lino Gomes, que buscava atender

as demandas de gênero e o combate ao racismo. A extinção desse ministério simbolizou o retrocesso e a perda de representatividade política das “minorias”, sinalizando a força dos discursos e práticas políticas contrárias a diversidade e aos direitos sociais de grupos minoritários como as demandas específicas das mulheres, em especial as mulheres negras.

Infelizmente, racismo, machismo e a homofobia já existiam em nossa sociedade muito antes do candidato se propor à presidência. Mas, essa foi a primeira vez que um candidato se pronunciou abertamente, expondo ódio contra negrxs, indígenas, população LGBTTIQ. O “coiso” também se demonstrou favorável a tortura, liberação da posse de armas à civis, contrário aos direitos humanos e trabalhistas, como a suspensão do 13º salário. Dessa maneira, Jair Bolsonaro apresenta-se como a personificação de vários tipos de preconceitos, sendo escandaloso observar o imenso apoio de muitos brasileiroxs que se vêm representadxs diante de seus pronunciamentos.

Para além do Movimento Feminista, os atos realizados no dia 29 de setembro contaram com o apoio e participação de diferentes grupos, homens, mulheres, e um número significativo da população LGBTTIQ, que protestam juntxs contra a misoginia, racismo, homofobia e demais ideias fascistas gritando #elenão #elenunca.

No que corresponde a esta proposta, selecionamos as cidades de Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS) com o objetivo de refletir sobre a resistência do Movimento Feminista no sul do país. Nessa região existem muitos grupos reacionários com ideais fascistas dos quais vão de frente ao debate de luta e garantia por direitos. O “Sul é o meu país”, por exemplo, é um deles, onde de maneira racista e xenofóbica ataca principalmente a população nordestina. Para além dessas questões, até a realização do ato o candidato liderava as pesquisas de intenção de votos com 37% no Paraná, 40% em Santa Catarina e 33% no Rio Grande do Sul⁴. Logo, MUCB reforçado pelo

⁴ G1. Pesquisas Ibope nos estados: veja evolução da intenção de voto para presidente. Disponível Em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/09/29/pesquisas-ibope-nos-estados->

#elenão assume uma dupla importância, seja para a redução de votos do candidato, como também para a resistência do feminismo e do Movimento LGBTQI+ diante de um cenário onde se faz presente de forma intensa o apoio a ideias fascistas.

As imagens selecionadas para este ensaio não foram registradas por profissionais da área da fotografia. Desta forma, os registros expressam um olhar diferenciado sobre os atos promovidos pelo MUCB. Como nos lembra Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015), essa é uma característica atual da sociedade, onde diante do contato com diferentes mídias e através de novas experiências os sujeitos podem produzir seus registros e inserirem-se em ambientes virtuais. Para os autores, “eles próprios se põem em cenas nas redes sociais”, (LIPOVETSKY, SERROY, 2015, p. 266).

As manifestações realizadas pelo MUCB em 29 de setembro de 2018 tiveram mais de 1 milhão de pessoas reunidas em todo território nacional. Contudo, os grandes veículos de comunicação do país tentaram inviabilizar a repercussão e amplitude do movimento ao passo que ele foi destaque em mídias de outros países como Argentina, Estados Unidos e França. Diante dessa tentativa de reduzir o MUCB e minimizar o protagonismo das mulheres, as redes sociais e tecnologias digitais auxiliam na propagação e conhecimento das ações, pautas levantadas e contribuem para romper com o domínio da informação. Tal como nos lembra Judith Butler, em “Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia,” (2018), para a autora,

“os meios de comunicação não apenas informam sobre movimentos sociais e políticos que estão reivindicando liberdade e justiça de diversas maneiras; os meios de comunicação também estão exercendo uma dessas liberdades pelas quais os movimentos sociais lutam.” (BUTLER, 2018, p. 102)

Em Curitiba a concentração da marcha começou por volta das 16h00 na Boca Maldita,

[veja-evolucao-da-intencao-de-voto-para-presidente-28-09.ghml](#) Acesso em 01 de outubro de 2018.

local tradicionalmente conhecido como palco de debates públicos e manifestações sociais. Conforme o Jornal Brasil de Fato, mais de 20 mil pessoas seguiram em marcha pela rua XV de Novembro até a Praça Santos Andrade. Mesma praça que em 2016, manifestantes com camisa verde-amarelo bradavam: “Fora Dilma, Fora PT”.

Repleto de emoções e uma forte simbologia, o ato foi marcado pela diversidade de pessoas de grupos étnicos, raça, classe social, gênero, religião e orientações sexuais distintas. As imagens 01 a 08 mostram parte da manifestação desenvolvida em Curitiba. Todxs dedicaram seu tempo para discutir sobre o cenário político atual e as propostas de governo para o Brasil. Ironicamente, a marcha seguiu na rua cujo nome faz homenagem a República brasileira, até a praça que homenageia o ex presidente da Província do Paraná, onde constituem-se como símbolo de governos democráticos.

Ao mesmo tempo em que se ergue uma onda fascista, também há o movimento contrário. Não se trata de um movimento partidário. Mesmo que alguns eleitorxs tenham levado suas bandeiras correspondentes aos candidatxs de seus partidos, o que realmente estava em pauta são os direitos das minorias, que perceberam que unidas poderão alcançar maior representatividade no combate ao inimigo comum, o fascismo. A manifestação da MUCB em Curitiba, foi uma lição democrática e interseccional na prática onde as barreiras de gênero, raça, classe, geração religião estavam sendo transpostas. Xs manifestantes estavam dispostxs a reconhecer, respeitar e lutar por direitos e a livre forma de existir, a MUCB mostrou uma tomada de consciência dxs brasileirxs. Ainda que tardia, para questões políticas do cotidiano em que as minorias em termos de representatividade não significam minorias absolutas, pois, 22,5% da população sulista é negra, 54% da população brasileira é negra, 52% da população brasileira é formada por mulheres (IBGE/PNAD 2015) e 10% da população são LGBTQI+ (Brasil de fato, 2017).

Ainda em Curitiba, a manifestação extrapolou para além da figura do coiso, chamou a atenção para a política fascista do ex governador e candidato ao senado do estado do Paraná, Beto

Richa. Enquanto governador, por vezes demonstrou-se autoritário e irredutível diante de diversos grupos reivindicatórios, especialmente durante as greves realizadas pelos/as professores/as em 2012, 2014 e 2015, essa que culminou na batalha do centro cívico em 29 de abril de 2015. E em 2016, durante a ocupação estudantil das escolas públicas de ensino básico que foram iniciadas no Paraná. Todas essas manifestações foram severamente reprimidas, caracterizando a ausência de diálogo por parte do ex governador. Diante disso, xs Manifestantes bradavam: “Beto Richa, vai se foder, o Paraná não precisa de você”.

Em Florianópolis foi dado início as manifestações as 9:00h em frente a Catedral Metropolitana. Nesse espaço foram realizadas diferentes apresentações artísticas, preparação de cartazes e faixas para a caminhada de protesto, debates sobre as pautas levantadas: saúde; educação; trabalho e direitos das mulheres conquistados ao longo do tempo; racismo e homo/lesbo e transfobia que precisam ser combatidos e não naturalizados e autorizados pelo Estado. Estimava-se que a manifestação tivesse aproximadamente 20 mil pessoas. Contudo, diante dos esforços do MUCB, a caminhada que teve início às 14h, com 3 horas de duração em um percurso de aproximadamente 10km. Conforme o Portal Catarinas, o ato teve o apoio de aproximadamente 40 mil pessoas. As imagens de 09 a 19 mostram parte dessa mobilização, onde é possível perceber o papel ativo dxs sujeitos junto ao Movimento Feminista, Movimento Feminista Negro e LGBTTIQ.

Em Porto Alegre a concentração ocorreu pela manhã e à tarde no Parque Farroupilha, mais conhecido como Parque Redenção. A união entre diferentes grupos sociais e inclusive entre diferentes partidos políticos que representam o espectro da esquerda foi notável. Parte da torcida de dois times de futebol historicamente rivais na cidade, o Grêmio e o Internacional, estavam também presentes com bandeiras anti-fascismo. Havia muitos estudantes, mães e pais com crianças, pessoas com animais de estimação e ativistas de múltiplas pautas, como a Frente Pela Legalização do Aborto-RS. Não foram registrados conflitos violentos durante o ato.

Fica-se entendido que o mais importante neste momento é mostrar convergência de ideais, resistência e travar a onda fascista que assola o país. A maior parte do ato em Porto Alegre foi fixo no parque, com concentração de milhares de pessoas, diversas bandeiras e um carro de som onde diferentes mulheres denunciavam os retrocessos e ataques aos seus grupos. A ativista da foto 22, por exemplo, fez uma fala contra o racismo e os diversos discursos de agressão a população negra que o candidato a presidência profere ao longo de sua carreira política. Havia gritos que entoavam "Marielle, presente" e canções com letras como "Uma manhã, eu acordei, e ecoava 'ele não', 'ele não, não, não'; uma manhã, eu acordei e lutei contra o opressor. Somos mulheres, a resistência, de um Brasil sem fascismo e sem horror; vamos à luta para derrotar o ódio e pregar o amor", cantada ao ritmo de "Bella Ciao". Posteriormente, ao final da tarde, houve caminhada do parque até o Largo Zumbi dos Palmares. Parte das pessoas que se manifestavam deram ainda segmento na caminhada, pelo bairro Cidade Baixa. As teorizações de Butler sobre reconhecimento, e interdependência quebram o paradigma atual do indivíduo autosuficiente, discutindo que a única maneira de sobreviver e buscar a igualdade é estar ciente da dependência e da vulnerabilidade, de que necessitamos umas das outras e uns dos outros para existirmos como seres humanos e como sociedade. Isto opõem-se também ao discurso de Jair Bolsonaro que brada que as minorias devem se curvar à maioria ou então deixar de existir.

Essas observações são importantes para percebermos o papel ativo dxs diferentes sujeitos, seja na disputa no espaço público e o seu direito de aparecer e manifestar-se nesta esfera, da busca para garantir seus direitos e da luta em romper com relações excludentes que ainda xs perseguem. No que corresponde a população LGBTTIQ, por exemplo, nota-se que nas três capitais as pessoas desse grupo saíram às ruas em busca de uma vida que possa ser vivida, lutando pelo reconhecimento e desafiando as normas. Existência e resistência contra o ódio e um plano de governo que pretende atuar de forma criminosa diante de seus corpos. Logo, o MUCB demonstra uma característica do

feminismo no tempo presente, onde as alianças constituídas pelos grupos que se sentem vulneráveis reivindicam juntxs por formas de viver livre da violência, opressão e perdas de direitos. Tal como destaca Butler ao estabelecer reflexões sobre a performatividade dos corpos nas ruas. Para a autora,

Caminhar é dizer que esse é um espaço público onde pessoas transgêneras caminham, que esse é um espaço público onde pessoas com várias formas de se vestir, não importa o gênero que lhes seja atribuído ou a religião que eles professam, estão livres para se mover sem ameaça e violência.(BUTLER, 2018, p. 59)

Desta maneira, tal como Butler, o MUCB e as fotos aqui apresentadas, buscam demonstrar parte das alianças que reivindicam e continuarão resistindo por uma vida que merece ser vivida.

Referências Bibliográficas

CAMARGO, L. Cláudio; BURGOS, Marcelo.; AGUIAR, Rafael. Metodologias de pesquisa de blogs de política – análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento “cansei”. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 159-181, out 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a12v17n34.pdf> Acesso em 01 de outubro de 2018.

PORTAL CATARINAS. O grito #EleNão ecoa na maior manifestação de mulheres da história do país. 30/09/2018. Acesso em 01/10/18. <http://catarinas.info/o-grito-elenao-eco-na-maior-manifestacao-de-mulheres-da-historia-do-pais/?fbclid=IwAR3RSd9JUorI0FmN361q2osr7>

[Ge99IQpWAQMTz_MmBmMn6zDcbHocuYAY5U](https://www.brasildefato.com.br/2018/09/29/no-parana-50-mil-pessoas-dizem-elenao-em-mais-de-20-cidades-do-estado/)

BRASIL DE FATO. No Paraná, 65 mil pessoas dizem #elenão em mais de 20 cidades. 29/09/18. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/29/no-parana-50-mil-pessoas-dizem-elenao-em-mais-de-20-cidades-do-estado/>. Acesso em 01/10/18.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa de assembleia. 1ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FREITAS, Larissa Viegas de Mello. Feminismos, exclusão e branquitude na era da internet: uma análise das publicações do Blogueiras Negras. In: 13th Women's Worlds Congress & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos** do 13th Women's Worlds Congress & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, 2017. p. 1-11. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503889163_ARQUIVO_TEXTO_FG.pdf Acesso em 01 de outubro de 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista**. 1ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Brasil de Fato. 10% dos brasileiros são LGBTI, mas estão sub-representados na política. São Paulo, 19 de Junho de 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica/> Acesso em 01 de outubro de 2018.

ANEXOS

Fotos Curitiba



Imagem 01: Manifestantes nas ruas no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.



Imagem 02: Manifestantes nas ruas no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.

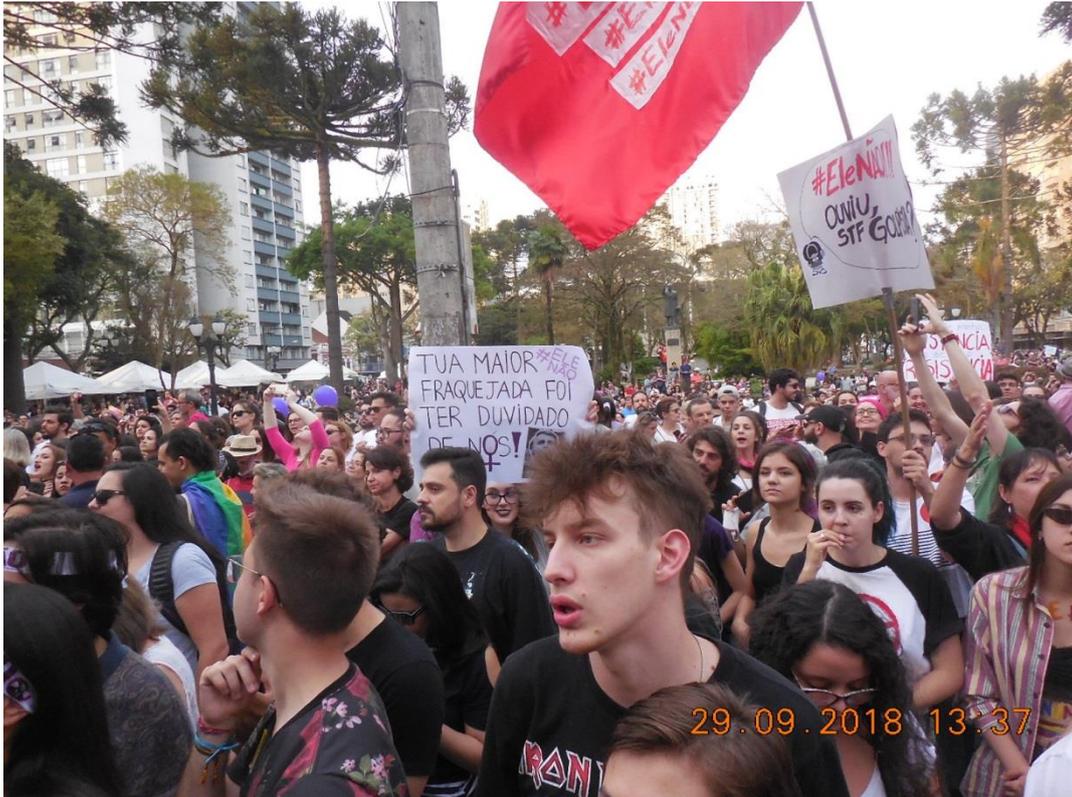


Imagem 03: Manifestantes nas ruas no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.



Imagem 04: Manifestantes e a diversidade no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.



Imagem 05: Resistência negra. Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.



Imagem 06: Manifestantes nas ruas no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.



Imagem 07: Manifestantes na praça no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.



Imagem 08: Manifestantes nas ruas no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Curitiba, SANTIAGO, 29/09/18. Acervo da autora.

Fotos Florianópolis



Imagem 09: Manifestantes em Praça no: Mulheres Unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 10: Apresentação artística no Mulheres Unidas contra Bolsonaro, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 11: Manifestantes e produção de faixas no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 12: Protestos, no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 13: Manifestantes em protesto no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 14: Mulheres em protesto no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 15: Multidão em protesto no Unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 16: Multidão pelas ruas, no Mulheres unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 17: Diversidades em protesto no Mulheres unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 18: Multidão em protesto no Mulheres unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.



Imagem 19: Multidão em protesto no Mulheres unidas contra Bolsonaro Florianópolis, ZALUSKI, 29/09/2018. Acervo pessoal do autor.

Imagens Porto Alegre



Imagem 20: Manifestantes em protesto no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 21: Manifestantes em protesto no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 22: Ativistas no carro de som, no protesto Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 23: Manifestantes em protesto no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 24: Coletivo Feminista de Mulheres com Deficiência no Protesto Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 25: Faixa "O Preconceito Mata" no ato Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 26: Batucada no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 27: Manifestantes em protesto no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 28: Mulheres performistas em pernas de pau no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.



Imagem 29: Mulheres performistas em pernas de pau no Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora



Imagem 30: Faixa da Frente Pela Legalização do Aborto-RS na caminhada Mulheres Unidas contra Bolsonaro Porto Alegre, BERCHT, 29/09/2018. Acervo pessoal da autora.